
Educomunicação em tempos de cultura digital: oportunidades e desafios¹

Helena CORAZZA²

Universidade de São Paulo (USP)
Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP)
Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC)

RESUMO

A partir de pressupostos da Educomunicação, como empoderamento do sujeito, emancipação, diálogo, gestão participativa, este artigo pretende iniciar uma reflexão para verificar, o que está mudando com a cultura digital, uma vez que diversos autores veem um enfraquecimento desses valores, bem como da cidadania, com a influência da racionalidade digital e da Inteligência Artificial (IA), no contexto contemporâneo, ao mesmo tempo, oportunidades e desafios para serem trabalhados na área da Educação para a comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; empoderamento; participação; cultura digital; pensamento crítico.

INTRODUÇÃO

A proposta é iniciar uma reflexão sobre a Educomunicação em tempos de cultura digital e Inteligência Artificial (IA) uma vez que a construção do conceito apoia-se em alicerces teóricos e práticas que provém da comunicação popular e alternativa, com vistas à emancipação do sujeito, à cidadania e sedimenta-se em princípios de uma sociedade em que os valores humanos e o relacionamento presencial, identificam uma sociedade pautada no pensamento e práticas analógicas.

Falar de cultura digital, no contexto contemporâneo, remete à questão de não haver mais distinção entre o mundo real e a virtualidade. O que se percebe é um intercâmbio que não permite mais o desmembramento destes espaços. Cada vez mais, a vida presencial é mediada pelo digital. Pode-se afirmar que a vida social já é digital, as pessoas são digitalizadas, há uma “*cibervida*”. Para Zygmunt Bauman

¹. Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

². Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Jornalista, licenciada em Letras. Docente e coordenadora do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP/SEPAC). Assessora e docente no Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC); pesquisadora do MECOM (Mediações Educomunicativas - ECA-USP). E-mail: helena.corazza@paulinas.com.br

[...] a maior parte dela se passa na companhia de um computador, um *iPod* ou um celular, e apenas secundariamente ao lado de seres de carne e osso. [...] Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver uma sociedade confessional (Bauman, 2008, p.9).

Com a quarta revolução industrial³ (Schwab, 2019), as tecnologias avançam, as relações humanas e de trabalho são afetadas pela automação, hábitos de relacionamento e valores da convivência humana vão se modificando. Essa mudança implica na transformação de toda a humanidade e alteração na maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Algo diferente de tudo o que a humanidade experimentou, a complexidade, conexão ilimitada com dispositivos móveis, novidades tecnológicas como Inteligência artificial (IA), robótica e a internet das coisas (IoT), Impressão em 3D, nanotecnologia, biotecnologia, veículos autônomos, entre outros.

O filósofo Luciano Floridi⁴ avança no diálogo, quando diz que não vivemos mais *off-line* ou *online*, mas a vida tornou-se *onlife*⁵. Para explicar o sentido usa a metáfora dos manguezais que vivem em água salobra, onde os rios e o mar se encontram. Um ambiente incompreensível quando observado da perspectiva da água doce ou da água salgada. Na comparação, “*Onlife* é isso: a nova existência na qual a barreira entre real e virtual caiu, não há mais diferença entre *online* e *off-line*, mas há precisamente uma “*onlife*”: a nossa existência, que é híbrida como o habitat dos manguezais”.

Para o Autor, sobretudo nos últimos dois anos, vivemos uma reestruturação das experiências, que reconfiguram o habitat natural das organizações, espaços de trabalho como o escritório, horários de trabalho, e pode-se incluir as instituições de ensino, o que reestrutura a experiência cotidiana. Para Floridi, “demos o salto definitivo para o *onlife*, um ambiente híbrido em que não existem mais barreiras entre físico e virtual, *online* e *off-line*; esse ambiente mudou o nosso modo de viver o tempo; o tempo – investido pela mudança mais importante – reconfigurou os espaços”⁶.

³ . O conceito nasceu em 2012, na Alemanha, com um grupo de empresários, executivos e membros do governo alemão. Viram que a tecnologia era o alicerce para a mudança do país. Chega ao Brasil em 2016.

⁴ . Luciano Floridi (nascido em 1964) é um filósofo italiano conhecido pelo seu trabalho pioneiro no campo da Filosofia da Informação e da Ética da Informação, professor da Universidade de Oxford.

⁵ . Cf. Floridi, L. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593095-luciano-floridi-vou-explicar-a-era-do-onlife-onde-real-e-virtual-se-com-fundem> - Acesso 21/7/2024.

⁶ . Cf. Floridi, L. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/614923-onlife-tempos-espacos-e-implicacoes-sociais-e-no-mundo-do-trabalho-entrevista-com-luciano-floridi> - Acesso 21/7/2024.

Nossa proposta é refletir sobre a influência, mudanças e interferência da comunicação digital no relacionamento humano e, os valores educacionais. Verificar sinais dessa mudança e coexistência na cultura digital onde o ser humano e as relações sociais são mediadas por tecnologias digitais na vida *online*. Trata-se de uma reflexão inicial sobre as mudanças culturais, tecnológicas e sociais na cultura digital, no campo da Educação para a comunicação, apoiada mais em autores e apenas em observações de experiências empíricas.

Observa-se que estas mudanças incidem no sujeito interlocutor, no seu *ethos* e no modo de perceber e interpretar a realidade. Algumas perguntas emergem na reflexão: quais mudanças a cultura digital provoca no ser humano com sua racionalidade numérica? Quais os desafios para os processos de comunicação e educação, mantendo a autonomia do sujeito, à cidadania, uma vez que os algoritmos são opacos ou, no dizer de Canclini, os cidadãos são substituídos por algoritmos?

Esta reflexão será pautada por alguns autores que estão refletindo criticamente as mudanças culturais e sociais na sociedade contemporânea, com algumas notas de observação com estudantes de ensino superior.

CENÁRIO EM MUDANÇA NA ANÁLISE DE PENSADORES CRÍTICOS

Ao descrever o cenário atual no sentido das mudanças que afetam o ser humano e as organizações onde está inserido, o filósofo sul coreano Hyung Chu Han (2010), caracteriza a sociedade do século XXI como a “sociedade do cansaço”, marcada “pelo desaparecimento da *alteridade e da estranheza*” (Han, 2010, p. 10). É a sociedade do rendimento, de projetos, iniciativas, motivações, produtividade, diferente da sociedade disciplinar ou a sociedade de controle, defendida por Michel Foucault.

Han apresenta uma visão crítica das sociabilidades do século XXI, permitindo pensar as consequências culturais, existenciais e sociais da hiperatividade e hiper mobilidade, presentes na condição humana. O autor sinaliza implicações das transformações culturais e comunicacionais de nosso tempo provocadas por essas hiperatividades e exigências de produtividade, em particular as novas configurações do trabalho, da atenção e da enfermidade mental, como depressão, síndrome de Bournout, resultado da violência neuronal. Han trata também do sujeito do desempenho, senhor e soberano de si mesmo, submisso a si mesmo. “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (2010, p. 30).

Na obra “Infocracia” o filósofo critica as mudanças no modo de pensar e se relacionar, substituídas por dados: “Dadaístas acham que não apenas a desintegração da esfera pública, mas também a massa pura de informações e a complexidade rapidamente crescente da sociedade de informações tornam obsoleta a ideia de ação comunicativa” (Han, 2022, p. 63). Aponta também o fim do espaço público teorizado por Habermas, a crise da narrativa, uma vez que a socialização inclui o aprender a contar histórias, aprender a narrar (Han, 2023), devido às mudanças no repertório e na cognição influenciada pela cultura digital.

O latino americano, Canclini continua o desenho do cenário dizendo que as redes prometem horizontalidade e participação, mas costumam gerar movimentos de alta intensidade e curta duração. Entretanto, observa que as opiniões e comportamentos são capturados por algoritmos que permanecem subordinados às corporações globalizadas. Dessa forma, “o espaço público torna-se opaco e distante. A descidadanização se radicaliza, enquanto alguns setores se reinventam e ganham batalhas parciais: pelos direitos humanos, pela igualdade de gênero, contra a destruição ecológica” (Canclini, 2019, p. 10)⁷.

Na obra “Terra arrasada” Crary fala do sufocamento da esperança, do cancelamento da possibilidade de restauração ou cura do mundo. Para ele, “essa destruição da crença na renovação é perpetuada mediante a captura e o desempoderamento dos jovens”. E recorda “o assédio à juventude, que começa cada vez mais cedo, na infância, é uma continuação do contra-ataque neoconservador às rebeliões dos anos 1960 e à contracultura política daqueles anos como um todo” (Crary, 2023, p. 39), o que atualiza a repressão das universidades americanas aos movimentos pró-palestina⁸, em abril de 2024.

Ao descrever o cenário atual no sentido das mudanças que afetam o ser humano e as organizações onde está inserido, Kunsch analisa também as implicações das transformações culturais e comunicacionais de nosso tempo provocadas por essas hiperatividades e exigências de produtividade, em particular as novas configurações do

⁷ . A tradução é nossa. Canclini, N.G.

http://www.calas.lat/sites/default/files/garcia_canclini.ciudadanos_reemplazados_por_algoritmo_s.pdf - acesso 4/6/ 2024.

⁸ Repressão aos estudantes pró-Palestina nos EUA e a articulação do lobby sionista. <https://shre.ink/8d0N>. (Acesso 16/5/2024)

trabalho, da atenção e da enfermidade mental, como depressão, síndrome de Bournout e até suicídios (cf. Kunsch, 2020, p. 88).

O pensamento de Yuval Noah Harari (2016 e 2018) citado por Kunsch, entre muitas outras características, fala da sociedade orientada por dados. Em sua análise, vê o “dadaísmo” como uma nova religião, ou seja, fé na informação como uma fonte verdadeira de valor. O autor chega a afirmar que nós somos o que proporcionamos para o processamento de dados “big data”. “Na prática, os dadaístas são céticos no que diz respeito ao conhecimento e à sabedoria humanos e preferem depositar sua confiança em mega dados e em algoritmos computacionais” (HARARI, 2016, p. 371), o que chama a atenção para o poder da informação na era digital. Se antes a terra e as máquinas constituíam as maiores riquezas, e por isso o homem passou décadas regulando essas áreas, hoje o valor da informação ultrapassa todas elas. “O poder real está nas redes, Corporações, Religiões, Estados, agora compõem uma ampla rede de fluxos de informações interconectadas”. (Citado por Kunsch, 2020, p. 89).

Por sua vez, Han (2022), fala das mudanças no modo de pensar e se relacionar. “Dadaístas acham que não apenas a desintegração da esfera pública, mas também a massa pura de informações e a complexidade rapidamente crescente da sociedade de informações tornam obsoleta a ideia de ação comunicativa” (HAN, 2022, p. 63). O autor evoca a erosão da ação comunicativa:

Perante a erosão da ação comunicativa, Habermas traz à palavra sua complexidade: ‘simplesmente não sei como poderia parecer no mundo digital um equivalente funcional para a estrutura da comunicação das amplas esferas públicas políticas, surgidas desde o século XVIII, mas hoje prestes a se desintegrar [...] Como preservar no mundo virtual da rede descentralizada [...] uma esfera pública com circulações comunicativas que a população concebesse como algo inclusivo?’ (HAN, 2022, p. 64).

Na análise do autor, a racionalidade substituiria a ação comunicativa – *Big Data* - e na Inteligência Artificial (IA) um equivalente funcional, onde “o discurso é substituído por dados” (HAN, 2022, p. 66). Lembrando que Habermas propõe um modelo ideal de ação comunicativa, em que as pessoas interagem e, através da utilização da linguagem, organizam-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda a coação externa e interna.

O filósofo trabalha o olhar como forma de comunicação absorvido pelas tecnologias: “O olhar tece o véu da aura que brilha ao redor das coisas. A aura é justamente a ‘distância do olhar que desperta no objeto observado’” [...] “Ele as olha

intimamente e eles desviam o olhar: ‘aquele que é olhado, ou que acredita estar sendo olhado, abre os olhos’” (Han, 2023, p. 82). Para o autor

O mundo está se tornando cada vez mais desencantado. O fogo mítico foi extinto há muito tempo. Não sabemos mais fazer orações. Também não somos capazes de meditações secretas. O lugar mítico na floresta foi esquecido. Hoje, além disso, até mesmo a *habilidade para narrar* que seria capaz de, retrospectivamente, evocar esses eventos míticos (Han, 2023, p. 89).

Segundo Crary, para prevenir todo e qualquer desenvolvimento que se assemelhe aos movimentos de jovens dos anos 1960, foi essencial negar à juventude espaços e tempos necessários até mesmo para formas limitadas de autonomia e de autoconsciência coletiva.

Nas duas últimas décadas, os jovens foram desviados da agência política e se tornaram o setor com relação ao qual as demandas por conformidade tecnológica e consumo se mostraram mais implacáveis. Dignos de nota são os esforços incessantes para cultivar hábitos e comportamentos previsíveis que durem a vida toda. Milhões e milhões de dólares são gastos com pesquisas sobre as fundações neuronais da formação de preferências. Segmentos geracionais (*millennials*, geração Z, etc.) são inventados por uma pseudossociologia para definir as tarefas consumistas homogêneas pretensamente postas como um destino em massa inescapável (Crary, 2023, p. 39).

Para o autor, o que está em jogo não é uma aceleração programada da entrada na vida adulta, mas, antes, uma absorção da maior parte do tempo de vigília por computadores em salas de aula, redes sociais em celulares, videogames e outros fluxos [*streams*] de conteúdos. Decerto tem havido longas discussões e debates sobre jovens e tecnologia, mas o que raramente se ressalta é que essas pessoas estão tendo suas juventudes roubadas. (cf. Crary, 2023, p. 39).

Canclini questiona como as grandes corporações como Google, Apple, Facebook e Amazon estão reconfigurando o poder político-econômico, redefinindo o significado social como hábitos, sentido do trabalho e do consumo, comunicação e isolamento das pessoas. Ele é enfático ao dizer que estes não são apenas os maiores complexos empresariais e inovadores tecnológicos, mas também reconfiguram o significado da coexistência e interações. Para o pesquisador, “eles destroem o sentido de viver juntos, conforme entendia a modernidade liberal. Estamos agora para além da fragmentação multicultural que celebrou o pós-modernismo e a pluralidade de sentidos concebidos nas primeiras etapas da expansão da Internet e das redes sociodigitais” (Canclini, 2024, p. 15-16).

CAMPO E ABRANGÊNCIA DA EDUCOMUNICAÇÃO

A Educomunicação tem sua origem remota na busca pela democratização da comunicação, em tempos de exceção. Percorreu o caminho da “leitura crítica dos meios” e os propósitos da UNESCO com o Relatório McBride, elaborado por uma comissão internacional, publicado no Brasil com o título “Um mundo e muitas vozes” (1983). É bom recordar que a UNESCO patrocinou vários encontros sobre o tema em países da América Latina, buscando aprofundar a temática da democratização da comunicação e da informação assumida por pesquisadores e pelas igrejas cristãs, o que resultou em muitos dos trabalhos na América Latina e no Brasil, entre eles, o “Documento de Quito”, resultado do seminário realizado de 29 de abril a 2 de maio de 1982, na cidade de Quito, Equador, e o “Documento de Embu”, resultado do seminário realizado na cidade de Embu das Artes, SP, de 8 a 12 de outubro de 1982 (Cf. Corazza, 2016, p. 24). Atualmente a UNESCO mantém o programa Mediação Midiática Informacional (AMI)⁹, que orienta a reflexão e práticas de Educação para a comunicação.

A Academia Brasileira de Letras oficializou o conceito de Educomunicação como

Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão¹⁰.

No processo de construção do conceito Soares (2011) afirma que a Educomunicação se move num *ecossistema comunicativo* que pode ser da educação formal como da informal. No caso do *ecossistema comunicativo escolar* é entendido também como “área de intervenção” onde os sujeitos sociais passam a refletir suas práticas, caracterizado como áreas ou âmbitos do agir educacional.

Este conceito envolve educação para a comunicação voltada à formação para a prática sistemática da recepção midiática; a expressão comunicativa através das artes, a mediação tecnológica na educação, a *gestão da comunicação*, a *pedagogia da*

⁹. UNESCO - <https://nic.br/media/docs/publicacoes/8/246421POR.pdf> - acesso 23/7/2024.

¹⁰. Cf. <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educacao> - Acesso 21/7/2024.

comunicação voltada a garantir os benefícios da ação educomunicativa para o cotidiano das práticas de ensino formal ou informal (SOARES, 2011, p. 47-48).

Outro aspecto importante constitutivo da Educomunicação é a interface da comunicação e da educação com as diferentes áreas de conhecimento e práticas sociais. Para Citelli, a aplicação das tecnologias da informação se dá “como um campo de reflexão e intervenção social decorrente dos novos modos de organizar, distribuir e receber o conhecimento e a informação. Faz parte, portanto, de um ecossistema comunicativo situado na interface com a educação” (Citelli, 2014, p. 70).

No contexto da cultura digital, emergem algumas questões como o processo da comunicação, uma vez que a rede trabalha com o instantâneo; averiguar em que medida o sujeito interlocutor compreende o processo participativo nas relações humanas e sociais, sejam elas presenciais ou mediadas por tecnologias, como a gestão participativa da comunicação, a cidadania, o empoderamento, o incentivo a processos criativos de comunicação e intervenção social, a interface com as diferentes áreas do conhecimento.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EDUCOMUNICAÇÃO¹¹

Considerando os diferentes autores e a partir de práticas e processos da Educomunicação, vamos procurar relacionar e discutir mudanças culturais e sociais percebidas na cultura digital, procurando contribuir para a formação do pensamento crítico, com abertura para a criatividade. Para Floridi, com a vida *onlife* é mister pensar na “**nova condição humana**, do que precisamos para vivê-la ao máximo e quais regras são necessárias para enfrentar esse continente sobre o qual acabamos de pisar”¹².

Escuta da realidade

No processo de escuta das mudanças percebidas no ser humano no contexto da cultura digital, sobretudo, em crianças e jovens, há uma percepção generalizada de que acontecem alterações no relacionamento entre pais e filhos, como menor proximidade, menos diálogo. A constatação é de que o celular é um objeto que atrai muito e se torna centro das atenções, consumindo muito tempo, o que prejudica a concentração, a

¹¹ . Como descrito, este artigo apoia-se em autores que discutem a temática no contexto digital. A autora também perguntou a estudantes da disciplina “Educação para a Comunicação I”, do primeiro ano de Teologia, do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP): “Como você percebe a influência da cultura digital em crianças, jovens, famílias e quais os desafios?”. Algumas contribuições são incluídas no texto, mas de forma anônima, para preservar a fonte.

¹² Floridi, idem.

interação e, para alguns, a consciência crítica. Na escuta há propostas de convivência e educação para viver nesta cultura digital.

Na observação da realidade é recorrente a percepção da dificuldade no relacionamento familiar, com os pais, pouca conversa. Perceptível também que “Em momentos de palestras, não prestam atenção porque o mundo é outro, ficam concentrados nos celulares”; “diminuição da capacidade e tempo de concentração devido ao excesso de estímulos externos”. E a complementação: “Como tudo está no celular acaba se tornando centro, sem olhar para o outro, o *online* torna-se um ‘compromisso’, que dificulta a interação, a proximidade”. Observa-se também que “os desafios com crianças e jovens se dão pelo fato de que muitos deles são viciados nos seus aparelhos”. “Mudança nas relações humanas. Os jovens caem no risco de perder a capacidade de se relacionar com os demais, pois descobriram um mundo só seu, na internet”. E com isso, a “rapidez com que se espalha, a inversão de valores!”. A constatação descrita de que também “o comodismo que a cultura digital favorece para as pessoas: crianças, jovens e adultos. Todos querem tudo pronto e acabado. Não há comprometimento”.

Propostas de educação para o digital

Diante desta realidade, uma pergunta caminha na direção de compreender a mudança para dialogar: “Como chegar a jovens e crianças com conteúdos atraentes. Como oferecer boa comunicação, moderna, adequada e viva?” E, por outro lado, a necessidade de formar-se para compreender o que acontece: “Não estamos preparados para nos comunicar devidamente. As pessoas buscam o que querem e como atrair?”

E a necessidade expressa da necessidade de educar-se para poder educar: “é urgente uma Educação para a comunicação com essas crianças e jovens para que possam fazer bom uso dos meios de comunicação, inclusive monitorados pelos responsáveis, para um uso assertivo, equilibrado e saudável”. Muitas perguntas saudáveis que remetem ao universo comum como condição básica do diálogo na comunicação: “Como entrar no mundo das pessoas”?

Continuando as propostas, a necessidade da consciência crítica para “filtrar tudo o que é comunicado tendo senso crítico, pois as *fakenews* ainda são um grande mecanismo de desinformação”. Outra contribuição: “trabalhar a conscientização a respeito do que acontece e investir na necessária educação digital, iniciando dentro das

famílias”. E ainda: “Inserir-se neste ambiente e buscar maneiras de cativar jovens e famílias. Ainda a proximidade presencial conquista corações. O desafio é integrar equilibradamente o digital como presencial”. É preciso “educar-nos a viver o momento presente. Há muita dispersão, a pessoa está no local, mas acessa outras informações, permanecendo só de corpo presente”. As percepções reveladas na escuta da realidade abordam questões centrais que dizem respeito ao tema, também trabalhado pelos teóricos.

Exercício do pensar: consciência crítica

A necessidade de pensar e produzir, servindo-nos de recursos diversos, entre eles, o chat GPT, é um desafio, pois há uma tendência, anterior a IA, de dar crédito a tudo o que é publicado seja em jornais, rádios, pois, faz parte do espaço público. O desafio, sem dúvida alguma, acompanhar a evolução, compreender, educar-se para discernir. Na escuta ainda a constatação compartilhada de que entre crianças e jovens, “há uma tendência exacerbada ao consumo excessivo dos meios digitais, que pode afetar o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural, coloca-se o desafio da mediação no uso digital saudável e na preservação do tempo de qualidade *off-line*”.

Refletindo sobre o lugar e os cuidados da IA na Educação, Citelli¹³ diz que “O eventual uso (programado pedagogicamente ou não) da IA na educação formal precisa vir acompanhado de ponderações acerca dos limites entre computar e pensar” e, mesmo diante da programação algorítmica, a advertência é que “O exercício humano de pensar envolve, por sua vez, reflexão, crítica, abstração, nuances comportamentais, autocrítica, rápida reorganização de dados e outros aspectos” (Citelli, 2024, p. 90).

Em relato de experiência docente sobre o fetiche da IA, Figueira afirma que ensino e aprendizagem não cabem em algoritmos: “Assim, as máquinas não são inteligentes porque não pensam, carecem da faculdade para compreensão, e nem possuem dilemas, estão apenas programadas para solucionar os problemas dos seus criadores”. Em relação ao uso da IA a docente orienta

Primeiramente, recomendam permitir e não banir o ChatGPT, para que se explorem novos desenvolvimentos de pesquisa e consulta. Contudo, torna-se imprescindível diferenciar os trechos produzidos pela IA, pelo estudante ou pelo professor, pois o autor é responsável pelo conteúdo e pela transparência do uso da ferramenta. Tais tecnologias não devem ser

¹³ . Citelli, A. “Espelhamentos: o GPT e a educação”. In: comunicação & educação • Ano XXIX • número 1 • jan/jun 2024, p. 90.

usadas de forma passiva ou acrítica, sem confirmar o texto em fontes reconhecidas. Por fim, os pesquisadores indicaram a necessidade de as universidades elaborarem guias de uso dessas ferramentas para estudantes da graduação e da pós-graduação (Figueira, 2024, p.121).

Para Figueira, o processo de aprendizagem não cabe em algoritmos como o do ChatGPT porque a condução do conhecimento não se resume a operações formais em pacotes de informação, por mais complexo que seja o jogo da imitação. Ela insiste na necessidade da participação, tanto para aprender quanto para ensinar. E lembra que “A ética abarca a sociabilidade técnica, seja na forma de leis, programas ou equipamentos, que não prescindem da responsabilidade humana de intervir” (Figueira, 2014, p. 124).

Para ajudar na formação dos interlocutores, na educação formal ou informal, é fundamental a formação de docentes e educadores para relacionar a interface do conteúdo trabalhado com as possibilidades e desafios que a internet oferece para as pessoas e a educação e incorporar as tecnologias a favor da educação de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

O empoderamento do sujeito

Tendo em conta a ecologia da comunicação e os novos atores sociais nas mudanças culturais e o desempoderamento dos jovens, a crise da narrativa, importa trabalhar o empoderamento do sujeito seja ele criança, jovem, adulto ou idoso. Um dos aspectos da sociabilidade humana e da comunicação, seja presencial ou mediada por tecnologias, é a narrativa. A socialização inclui o aprender a contar histórias, aprender a narrar. Han afirma que a crise da narrativa deve-se à matemática e à racionalidade do mundo, enquanto a narração precisa de encanto. Para ele

Estamos desaprendendo a narrar histórias [...] O desencantamento do mundo significa, sobretudo, que a relação com o mundo é reconduzida à causalidade. A causalidade é apenas uma das formas possíveis de relação. Sua totalização leva a uma pobreza do mundo e da experiência. O mundo mágico é o mundo no qual as coisas se relacionam entre si fora do contexto casual e trocam confidências. A causalidade é mecânica e externa. Relações mágicas ou poéticas com o mundo significam que uma profunda simpatia conecta seres humanos e coisas. (Han, 2023, p. 78).

Para o Autor “hoje as crianças foram transformadas em seres digitais. A experiência mágica do mundo está atrofiando. As crianças caçam informações como ovos de Páscoa digitais”. (Han, 2023, p.80). Em sua crítica remeta ao pensamento de Walter Benjamin, em que a aura possui um núcleo narrativo, a memória como narração e afirma que “A narratividade se opõe à facilidade cronológica” (Han, 2023, p. 81).

Daqui surge a necessidade de investir em criações lúdicas, em trabalhar a fantasia e, ao mesmo tempo, ajudar a viver com intensidade o momento presente.

Para Di Felice, a questão do sujeito também precisa ser problematizada num contexto das ecologias comunicativas digitais, uma vez que as categorias de análise da sociologia tradicional precisam ser revisadas, diante do protagonismo social de dados (*Big Data*). “O social, para as ciências sociais, sempre esteve ao alcance do olho, acontecendo numa localidade específica, determinada e observável, permitindo ao pesquisador o seu desvelamento com técnicas de observação e a pesquisa de campo” (Di Felice, 2017, p. 254). O autor questiona também a Teoria Ator Rede (TAR) diante de novos atores sociais, conforme Latour (2012), não sendo possível aprofundar aqui, mas que aponta para a atenção de novas categorias de análise para a cultura digital e o empoderamento do sujeito.

Gestão participativa na comunicação

Trabalhar projetos que estimulem a criatividade e a intervenção social com práticas que possam agregar inovação e inserção na cultura digital. A gestão participativa é um dos pilares da Educomunicação e os conceitos da comunicação organizacional integrada podem ajudar. A dimensão humana da comunicação no âmbito organizacional, para melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores, em um ambiente cada vez mais complexo, competitivo e com cenários conflitantes e paradoxais, diante das incertezas que caracterizam a sociedade globalizada na era digital.

A humanização das organizações nunca foi tão necessária como no mundo globalizado e desigual como o de hoje. A dimensão cultural diz respeito aos valores fundantes, mas também está inserida no contexto global. Percebe-se, portanto, que a comunicação organizacional não acontece isolada tanto da cultura organizacional, em nível micro, como do contexto multicultural, em nível macro. (cf. Kunsch, 2020, p. 93 - 94).

Kunsch afirma que o conceito de comunicação organizacional integrada, que trabalha, desde 1985, “destaca a necessidade de um olhar holístico para conceber e praticar a comunicação nas organizações. Na verdade, o que defendo é a adoção, por parte das organizações, de uma filosofia da comunicação não fragmentada”. A docente atualiza dizendo que “Na era digital e das redes e ou mídias sociais, as organizações não têm mais controle quando os públicos se veem afetados”. (Kunsch, 2014, p. 46).

Em sintonia com os pressupostos da gestão democrática da comunicação, Kunsch pontua: “Quando se introduz a comunicação na esfera das organizações, o fator humano, subjetivo, relacional e contextual constitui um pilar fundamental para qualquer ação comunicativa produtiva duradoura” (Kunsch, 2014, p. 49). Reforçando os valores do diálogo e da interatividade, Margarida Kunsch tem em conta que as organizações são formadas por pessoas que se comunicam entre si e que, por meio de processos interativos, “viabilizam o sistema funcional para sobrevivência e a consecução dos objetivos organizacionais em um contexto de diversidades, conflitos e transações complexas” (Kunsch, 2014, p. 52), conceitos que se aplicam na educação.

Processos criativos de comunicação e intervenção social

Na Educomunicação o processo é fundamental, onde se reflete e discute em grupo, estimula-se a criatividade e a rede lida com o instantâneo. Ao trabalhar o empoderamento de crianças, jovens e adultos, é imperativo incentivar processos criativos e inovadores na intervenção social que tenham em conta os valores da convivência humana e da transformação social.

Entendemos que a proposta do acadêmico e teólogo italiano, Benanti, dialoga com a Educomunicação e pode ajudar a pensar desenvolvimento e inovação a partir da *algorética*, ou seja, “utilizar eticamente a tecnologia hoje significa tentar transformar a inovação em desenvolvimento. Significa dirigir a tecnologia para e pelo desenvolvimento, e não simplesmente buscar um progresso como fim em si mesmo”¹⁴.

O autor explica que embora não seja possível pensar e realizar a tecnologia sem formas de racionalidade específicas (o pensamento técnico e científico), não basta colocar o desenvolvimento técnico-científico no centro das atenções, quer dizer, que o pensamento técnico-científico não basta em si mesmo. É preciso ter em conta o ser humano na sua relação com outros seres humanos, com a sociedade e trabalhar uma conduta ética das mídias digitais, evitando as polarizações. Cultivar a cultura do encontro e do diálogo, promover um *ethos* que promova a justiça e a paz, pois, “comunicação, convivência e laço social constituem a modernidade e outra visão de espaço-tempo” (Wolton, 2011, p. 26).

¹⁴ . Benanti, P. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607154-a-algoretica-e-o-colonialismo-digital-artigo-de-paolo-benanti> - Acesso 21/7/2024.

Considerações finais

A proposta deste artigo é uma reflexão inicial a respeito da Educomunicação no contexto da cultura digital e de IA, mudanças na sociabilidade, no *ethos*, nos valores, desafios e oportunidades para o sujeito neste contexto. Autores que trabalham a temática de forma crítica entraram em diálogo com os pilares da Educomunicação.

Alguns pontos ficam evidentes como a necessidade de compreender e mergulhar nas possibilidades que as tecnologias oferecem, apropriar-nos delas, educar-nos e trabalhar nas diferentes interfaces do conhecimento. Favorecer práticas que estimulem a criatividade e o empoderamento de crianças, jovens, adultos e idosos a fim de que sejam sujeitos do processo e trabalhem criticamente. Ter em conta a gestão participativa e o exercício da cidadania, os processos da comunicação, a humanização, a convivência, o diálogo e a construção coletiva nas inovações serão uma grande oportunidade para o exercício educacional.

Um ponto que merece mais atenção na Educomunicação é a questão do sujeito. Hall (1999) conceitua o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno com diferentes formas de portar-se de acordo com as realidades e contextos. E como será o sujeito da cultura digital? Tema a ser aprofundado.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. “Ciudadanos reemplazados por algoritmos”. Guadalajara: CALL, Editorial UCR, 2019, 1ª. Ed. 177 p. Disponível em: http://www.calas.lat/sites/default/files/garcia_canclini.ciudadanos_reemplazados_por_algoritmo_s.pdf - acesso 4 Jun. 2024.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENANTI, P. “A algorética e o colonialismo digital”. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607154-a-algoretica-e-o-colonialismo-digital-artigo-de-paolo-benanti> - Acesso 21/7/2024.
- CITELLI, A. (Org.). **Educomunicação. Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. 182 p.
- _____. “Espelhamentos: o GPT e a educação”. In: comunicação & educação • Ano XXIX • número 1 • jan/jun 2024, p. 81-94. <https://revistas.usp.br/comeduc/issue/view/13398/2877> Acesso 22/7/2024.
- CORAZZA, H. “O ser humano educacional: um estilo”. In: PUNTEL, Joana T. (Org.) **O humano na dinâmica da comunicação**. São Paulo: Paulinas/SEPAC, 2021, p. 125-137.

_____. *Educomunicação. Formação pastoral na cultura digital*. São Paulo: Paulinas, 2016. 168 p.

CORTIZ, D. “Os impactos da inteligência artificial e dos sistemas de recomendação na comunicação em redes sociais”. In: PEREZ, C. *et alli* (Orgs.). **Comunicação na agenda do século XXI**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023, p. 107-122.

CRARY, J. **Terra arrasada além da era digital**, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: UBU Editora, 2023.

FIGUEIRA, M. “O ensino e a aprendizagem não cabem em algoritmos: relato docente sobre o fetiche da inteligência artificial”. In: Revista Comunicação & educação. São Paulo: CCA-ECA-USP. Ano XXIX • número 1 • jan/jun 2024, p. 111- 125.

FLORIDE, L. “A era do *Onlife*, onde real e virtual se (com) fundem”. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593095-luciano-floridi-vou-explicar-a-era-do-onlife-onde-real-e-virtual-se-com-fundem> - Acesso 21/7/2024.

DI FELICE, M. **Net-ativismo**. Da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017. 288 p.

HAN, B-C. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023. 136 p.

_____. **Infocracia. Digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Vozes, 2022, 112 p.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2010. 128 p.

KUNSCH, M. M. K. “Comunicação organizacional integrada na perspectiva estratégica”. In: Joana d'Arc Bicalho. (Org.). **Comunicação estratégica e integrada: a visão de renomados autores de 5 países**. 1ª. Ed. Brasília, DF: 2020, v. 1, p. 85-104.

_____. “Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual”. In: Matrizes.V. 8 - Nº 2 jul./dez. 2014 São Paulo - Brasil Margarida M. Krohling Kunsch, p. 35-61- <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/90446> - Acesso 22/7/2024.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Bauru: EDUSC/UFBA, 2012. 399 p.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2019.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a Reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011. 96 p.